

Discurso do P. Geral, Arturo Sosa, no 1º Congresso Internacional de Delegados de Educação da Companhia de Jesus (JESEDU-Rio2017)
(Rio de Janeiro, Brasil, 20 de outubro de 2017)

A educação da Companhia: uma pedagogia ao serviço da formação de um ser humano reconciliado com seus semelhantes, com a criação e com Deus

Introdução

Antes de tudo uma palavra de gratidão aos que tornaram possível este congresso: a FLACSI, a Província do Brasil, a *Rede de Colégios Jesuítas* do Brasil e o Secretariado de Educação Secundária e Pré-secundária da Cúria Geral. A minha gratidão vai também para vocês, delegados, por seu intenso trabalho nas Províncias e aqui no congresso.

É a primeira vez que na Companhia de Jesus se organiza um congresso para Delegados Provinciais de educação e as redes regionais que apoiam o trabalho educativo secundário e pré-secundário. Tem sido uma maravilhosa oportunidade para encontrar-nos e fortalecer a visão comum universal do apostolado educativo da Companhia.

Neste congresso também participam outras redes vinculadas à educação inaciana, que oferecem educação de qualidade a setores sociais marginalizados como *Fé e Alegria*, os *Colégios Cristo Rei*, as *Nativity Schools*, dos Estados Unidos, e o programa educativo do *Jesuit Refugee Service* (JRS).

Em nome da Companhia quero reconhecer o enorme trabalho que vocês, assim como seus companheiros e companheiras neste apostolado, realizam todos os dias para oferecer às novas gerações, em condições tão diversas e difíceis, uma formação que mudará radicalmente suas vidas, oferecendo-lhes instrumentos para contribuir para a humanização do mundo.

Este congresso é uma expressão de nossa ação de graças a Deus e aos nossos benfeitores neste campo, uma afirmação da importância do apostolado educativo e um estímulo à audácia do impossível que nos pode levar ainda mais longe.

I. A tradição educativa: memória inspiradora e não peso paralisante

A educação, e em particular, os colégios são parte da tradição missionária da Companhia. Tudo começou com a percepção que Inácio e seus primeiros companheiros tiveram de seu imenso potencial apostólico. Polanco retratou essa primeira convicção da Companhia em suas famosas 15 razões para ter os colégios¹.

Em seus colégios a Companhia criou um modelo educativo enraizado na tradição humanista do renascimento, convencida de que ao educar o caráter das pessoas em função do bem comum, realizava uma importante tarefa apostólica. Ao perceber como a educação toca o coração das pessoas, converteram a *cura personalis* no traço distintivo do seu modelo educativo. A espiritualidade que surgia dos Exercícios se converteu, então, no espírito que anima a percepção do mundo, do ser humano e de seu destino.

¹ Monumenta Ignatiana, Tomo 4, pp.7-8.

Com o Concílio Vaticano II e a formulação da missão da Companhia feita nas Congregações Gerais 31^a (1965) e 32^a (1975), nossos colégios se renovaram profundamente:

Aquela tradição humanista, nutrida de espiritualidade inaciana, foi expressada profética e lucidamente pelo P. Arrupe, e pelo P. Kolvenbach, ao indicarem que o propósito da nossa educação é formar *homens e mulheres para os demais e com os demais*².

Posteriormente, a Companhia explicitou este propósito educativo no chamado *Documento dos 4Cs*, assinalando que busca a excelência humana de nossos estudantes, formando homens e mulheres, conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. Desta forma, a excelência acadêmica, dimensão fundamental num colégio da Companhia, se situa no contexto de uma formação para a excelência humana integral. É esta excelência humana integral que dá o sentido último à excelência acadêmica.

A nossa oferta educativa se viu renovada também com uma educação para a fé que promove a justiça, propicia o diálogo entre as culturas e a colaboração entre leigos e jesuítas. Compartilhar o carisma educativo com leigos e leigas, religiosos e religiosas de outras famílias tem sido uma fonte de renovação criativa do modelo pedagógico. Novos modelos institucionais, como *Fé e Alegria, Cristo Rei, Nativity Schools*, além de serviços educativos que oferecem o JRS, enriquecem o apostolado educativo da Companhia de Jesus no mundo.

Da mesma forma, a criação de redes provinciais e regionais potenciou o alcance de nossas instituições. De grande valor tem sido a dinâmica de discernimento educativo permanente, posto em marcha por um ciclo integrado de três etapas, do qual este congresso é o último degrau de uma primeira rodada, que começou em 2012, com o Colóquio em Boston e continuou em 2014 com o SIPEI em Manresa.

A plataforma 'on line' *Educate Magis*, que permite a todos os nossos colégios vislumbrar e desenvolver o imenso potencial internacional que está em nossas mãos, é outra oportunidade de renovação e aprofundamento do carisma do apostolado educativo da Companhia de Jesus.

Os Superiores Gerais e as Congregações Gerais da Companhia de Jesus do pós-Concílio Vaticano II, reconheceram o enorme valor do apostolado educativo e a sua contribuição para a missão da Companhia³. Da minha parte, quero

² *Seria um erro esperar que este Liceu ... fosse uma simples continuação do que os colégios jesuítas foram nos séculos ou décadas passadas. Não se trata de reeditar o passado, nem de importar modelos de outras partes ... trata-se de responder com imaginação e criatividade aos desafios que o mundo de hoje ... apresenta à nossa educação* (In: El P. Peter-Hans Kolvenbach y la Educación, Bogotá, ACODESI, 2009. Alocución en el Encuentro sobre Educación. El Compromiso de la Compañía de Jesús en el Sector de Educación. Gdynia, Polonia, 10 de octubre de 1998, p. 297).

³ O P. Arrupe assinalava claramente que ... *o apostolado da educação é para a Igreja de uma importância absolutamente vital. Tão vital que a proibição de educar é o primeiro, e às vezes o único e suficiente meio, imposto por certos regimes políticos à Igreja para assegurar a des cristianização de uma nação no espaço de duas gerações, sem derramamento de sangue. Educar é necessário. E isto não se pode alcançar em determinada escala e com a excelência a que me referi sem certo tipo de instituições.* (n. 29) em *Nossos Colégios Hoje e Amanhã*, 1980.

aproveitar a oportunidade deste importante encontro para ratificar a minha estima e a do corpo apostólico da Companhia de Jesus por este apostolado, e sublinhar a sua importância no contexto real do mundo e do nosso serviço na missão de reconciliação, fruto da justiça que leva à paz, que Deus realiza em Cristo.

II. Companheiros em uma missão de reconciliação e de justiça

A educação e, em particular, nossas instituições educativas, formam parte do esforço humano por fazer germinar a semente do reino de Deus na história. Conforme temos contemplado na meditação da encarnação dos Exercícios Espirituais (n.102), Deus, uno e trino, comprometeu-se a fundo com a redenção da humanidade. Ao ver e escutar o clamor dos seres humanos Ele o devolve a nós como *chamado, convite, interpelação* a colaborar em seu empenho salvador.

A Congregação Geral 36ª recolheu esta interpelação e confirmou que estamos chamados a ser *companheiros neste propósito universal de reconciliação e de justiça*, nascido do amor misericordioso de Deus e posto em marcha por Ele mesmo através da encarnação, para que todos os seres humanos possamos viver na paz, com plenitude de vida e em relação harmoniosa com o meio ambiente.

Conscientes das difíceis condições de vida das pessoas, assumimos a reconciliação como uma missão de esperança. Como ministros de reconciliação, somos mensageiros de confiança no futuro, convidados a curar as feridas pessoais, a promover novos caminhos para produzir bens e modelos de consumo que respeitem o equilíbrio ecológico e gerem uma mudança nas relações sociais, que favoreçam as melhores condições de vida para cada ser humano de modo que os povos possam viver com liberdade e dignidade, no respeito mútuo.

Nossa missão provém da fé cristã. É um serviço da reconciliação e da justiça que nasce da vida de Cristo, e se deve fazer no seu estilo, nas condições do nosso mundo. A reconciliação verdadeira pede que a justiça se faça presente. Por isto, a busca da justiça social e a geração de uma cultura de diálogo entre as culturas e as religiões, fazem parte deste serviço da reconciliação entre os seres humanos, destes com a criação e da humanidade com Deus. As três dimensões do serviço da reconciliação vão sempre unidas. Não é possível uma real reconciliação com Deus, se ao mesmo tempo não se dão a reconciliação e a justiça entre os seres humanos e destes com a criação.

Certamente, o serviço da reconciliação e da justiça implica que construamos pontes que permitam o diálogo. Sabemos que a tarefa de construir pontes, ou de *tornar-se ponte*, em contextos conflitivos, supõe ser pisoteados por ambos lados da contenda. Esse é o preço do nosso serviço e, no anseio de fazê-lo ao estilo de Jesus, estamos dispostos a pagá-lo.

Este enfoque da missão nos pede conversão pessoal e institucional, nos leva a repensar as estratégias de evangelização, a maneira de realizar a ação pastoral, nosso modelo educativo e a forma como contribuimos para a transformação das atuais relações sociais, políticas e econômicas, no que elas obstaculizam a possibilidade de uma vida digna para todos.

III. Educação que abre à compreensão do mundo em que vivemos

O serviço da reconciliação começa com a compreensão do mundo em que vivemos e temos como lar. De igual modo, o trabalho do educador, e em particular de nossas instituições educativas, é o de ajudar as jovens gerações a situarem-se diante do mundo e diante de Deus para que possam projetar seu desenvolvimento pessoal e social, contribuindo para a construção de um mundo melhor.

Esta necessidade de compreender a fundo o nosso mundo para poder oferecer o maior e melhor serviço para a glória de Deus é a razão pela qual entendemos nossa missão como *apostolado intelectual*. Nosso desejo é entender o ser humano e o mundo, em sua complexidade, para que o ser humano possa configurar o mundo de um modo mais compassivo e, portanto, mais divino.

O grande investimento que fazemos na formação intelectual é porque queremos que os jesuítas e os companheiros/as de missão sejam capazes de compreender e de pensar por si mesmos em cada situação ou contexto ao qual são enviados. De fato, necessitamos ser verdadeiros intelectuais, no mundo das ciências humanas e sociais, na análise social, na educação ou na pedagogia, e em cada campo apostólico no qual nos encontramos. O mero trabalho em Educação Superior, em um colégio, ou num Centro de pesquisa, não cria um 'intelectual'. Chegar a ser um 'pensador' em uma disciplina, exige um processo contínuo.

Para os que compartilham a missão da Companhia de Jesus, ser um 'intelectual' é ser um efetivo instrumento no apostolado. Ser verdadeiros 'intelectuais' em nossa missão apostólica nos permite entender o mundo e seus desafios para proclamar a Boa Nova de modo pertinente, atraente e transformador. A educação é realmente efetiva quando consegue incluir esta dimensão do apostolado intelectual.

Numa leitura intelectual do mundo e seus desafios, a 36ª Congregação Geral foi consciente de que a humanidade vive hoje luzes e sombras, simultaneamente. Contudo, estas últimas são motivo de preocupação e revelam que vivemos uma profunda crise, que afeta ao mesmo tempo as relações sociais, a economia e o meio ambiente, por causa de injustiças estruturais e de múltiplos abusos cometidos contra os seres humanos e o meio ambiente ⁴. Um rápido olhar sobre seis realidades de nosso mundo nos ajuda a visualizar o alcance que há de ter o serviço da reconciliação e da justiça que nascem da boa nova proclamada por Jesus:

Em primeiro lugar, somos testemunhas de mudanças demográficas sem precedentes. Milhões de pessoas têm a condição de migrantes e refugiados, porque escapam dos conflitos, dos desastres naturais ou da pobreza; todas em busca de uma vida melhor. Algumas sociedades deram-lhes as boas-vindas. Outras reagiram com temor e ódio, buscando como construir muros ou levantar barreiras.

Segundo, a crescente iniquidade. Embora o sistema econômico mundial tenha criado enormes riquezas e tornado possível que alguns países possam tirar da pobreza amplos segmentos de sua população, a desigualdade cresce de modo alarmante. A distância entre ricos e pobres aumenta, e certos grupos, como os povos indígenas, são cada vez mais marginalizados.

Terceiro, o incremento da polarização e do conflito. O fanatismo, a intolerância, a disposição para gerar terror, os atos de violência e ainda a guerra, recrudescem e tendem a aumentar. Embora as causas de boa parte da polarização se encontrem na pobreza, no medo, na ignorância e no desespero, grande parte da violência é justificada usando o nome de Deus. O uso da religião e da imagem de Deus para justificar o ódio e a agressão é um dos grandes anti-signos de nosso tempo.

⁴ 36ª Congregação Geral, decreto 1,29.

Quarto, a crise ecológica que afeta o nosso planeta, que o Papa Francisco chama nossa 'casa comum'. A sua encíclica *Laudato Si* é clara em assinalar que o sistema de produzir e consumir que temos os seres humanos gera uma cultura do 'descarte', que deteriora significativamente o tecido de nossas relações sociais e o meio ambiente, pondo em risco a sustentabilidade do nosso planeta para as futuras gerações.

Quinto, a expansão de um habitat ou cultura digital. A internet e as redes sociais mudaram a forma como os seres humanos pensam, reagem, comunicam-se e se relacionam. Não é apenas uma questão de novas tecnologias. É um novo mundo no qual vivem as pessoas, especialmente as novas gerações. É o início de uma gigantesca transformação cultural que progride a uma velocidade inimaginável, que afeta as relações pessoais e intergeracionais e desafia os valores culturais tradicionais. Este habitat ou 'ecossistema digital' tornou possível a expansão da informação e da solidariedade, mas também gerou profundas divisões com a viral expansão do ódio e das notícias falsas.

Sexto, a debilitação da política como busca do bem comum. Em muitos lugares do mundo, cresceu uma decepção ou desilusão frente à política pelo modo como tem sido posta em prática por políticos e partidos. O descontentamento e o descrédito são profundos por causa de expectativas não cumpridas e problemas não resolvidos. Isto tornou possível que líderes populistas cheguem ao poder explorando o medo e o ódio dos povos com sedutoras propostas de mudanças irreais.

Em síntese, estes seis desafios são emblemáticos de uma mudança de época. Mais do que antes, somos conscientes de ser uma única comunidade humana, de compartilhar o mesmo planeta e de ter um destino comum. Talvez, apesar de experimentarmos o fenômeno da 'globalização' em muitos detalhes da vida cotidiana, somos menos conscientes das muitas, profundas e importantes mudanças que se produzem nas culturas e nas relações intergeracionais.

IV. A interculturalidade: comunicação global entre culturas diversas

A dinâmica planetária de intensa comunicação em todos os campos nos faz pensar na existência de um processo que temos concordado em chamar de globalização. No entanto, é um fenômeno que inclui processos ambíguos. Alguns estudiosos do tema distinguem *globalização* de *mundialização*⁵ para identificar sua tendência dominante.

Ao falar de *globalização*, assinalam a tendência a uniformizar os comportamentos e as culturas. Uma consequência é a diminuição da diversidade cultural, com a tendência a criar um espaço monocultural global, impondo em todas as partes as formas de organização econômica e de interação sociopolítica favoráveis ao capital transnacional. Por outro lado, ao falar de *mundialização*, pretende-se o reconhecimento universal da criatividade, característica da diversidade cultural e seu reconhecimento, como a principal riqueza do exponencial processo de crescimento no intercâmbio humano, em todo o planeta.

Por conseguinte, para situar a nossa ação educativa, é melhor falar de *universalização*, entendida como crescimento da interação entre grupos humanos, culturalmente diversos, capazes de compartilhar uma visão comum dos interesses de toda a humanidade. Esta análise nos ajuda a discernir as tendências existentes

⁵ Não é em todos os idiomas que se poder fazer esta distinção claramente.

numa dinâmica de integração humana crescente e dos resultados das correntes globalizadoras.

O predomínio de uma visão global, que tende a uniformizar as culturas, produziria uma restrição paulatina do intercâmbio cultural que poria em risco inclusive a multiculturalidade. Seria um fenômeno semelhante ao impacto que tem a deterioração do meio ambiente na diminuição da biodiversidade no planeta.

O predomínio de uma visão mundializadora favoreceria os espaços multiculturais e abriria possibilidades para a interculturalidade. Nesta, a contribuição espiritual das religiões, entendidas como dimensões das culturas, propiciaria a superação dos fundamentalismos. É o que em 2008 intuiu a 35ª Congregação Geral ao convidar-nos a ir às fronteiras de nossas culturas e da religião para encontrar, reconhecer e estabelecer o diálogo com outros ⁶.

Para indicar a concepção de universalidade que aspiramos com os processos de globalização-mundialização, talvez seja útil recordar o conteúdo original do conceito *catolicidade* que se refere à universalidade da Igreja, acolhendo a imensa diversidade de situações particulares. Convém recordar que o Papa Francisco prefere usar a imagem geométrica do *poliedro* em lugar da 'esfera' para falar da globalização ⁷. Tanto o conceito de *catolicidade* como a imagem do *poliedro* recolhem bem o significado da *interculturalidade*.

O ideal é que cada ser humano, ou cada povo, seja capaz de sentir-se parte da humanidade, tornando-se consciente de sua própria cultura (inculturação), sem absolutizá-la, criticamente, reconhecendo prazerosamente a existência de outros seres humanos possuidores de culturas diversas (multiculturalidade) e estabelecendo relações estreitas com eles, enriquecendo-se com a variedade de culturas, entre as quais se encontra a sua própria cultura (interculturalidade). A *universalidade* vivida desta forma pode converter-se num impulso à justiça social, à fraternidade e à paz.

Poderíamos imaginar que tal visão da universalidade humana, corresponde à experiência espiritual do Deus de Jesus de Nazaré. A Igreja, como comunidade dos seguidores de Jesus, teve que superar, com não poucas tensões, seu horizonte local judeu, grego e romano, para ir além de suas fronteiras culturais e experimentar a catolicidade como universalidade com raízes locais. Não é estranho, então, que o Concílio Vaticano II tenha afirmado que *não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração* ⁸.

⁶ *Vivemos num mundo de muitas religiões e culturas. A erosão das crenças tradicionais e a tendência para homogeneizar as culturas fortaleceram diversas formas de fundamentalismo religioso. Alguns usam cada vez mais a fé em Deus para dividir povos e comunidades e para provocar polarizações e tensões que quebram os fundamentos da nossa vida social. Todas estas mudanças nos convidam a ir às fronteiras da cultura e da religião* (35ª Congregação Geral, d. 3,22).

⁷ *Agrada-me a figura geométrica do poliedro porque é una, mas tem faces diferentes. Expressa como a unidade se faz conservando as identidades dos povos, das pessoas, das culturas. Essa é a riqueza que hoje teríamos que dar ao processo de globalização, porque, senão, é uniformizante e destrutivo* (Papa Francisco, Diálogo com os membros da 36ª Congregação Geral, 24 de outubro de 2017).

⁸ *As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma*

O reconhecimento das culturas diversas e a capacidade de viver em contextos multiculturais, respeitando, e até desfrutando da diversidade, é um passo de grande importância. A nossa tentação seria conformar-nos com a multiculturalidade como expressão da universalidade. No entanto, a mera boa convivência, como justaposição entre pessoas de diferentes culturas não basta para avançar realmente para a universalidade da que estamos falando. O intercâmbio enriquecedor entre as culturas permite experimentar a interculturalidade, e construir a universalidade de um modo mais humano.

A interculturalidade ⁹ nos faz viver mais plenamente a universalidade, pois acolhe as diferenças culturais como revelação do rosto da humanidade criada à imagem e semelhança de Deus, e se enriquece com o intercâmbio cada vez mais profundo entre elas. A interculturalidade não é um fim em si mesmo, mas o meio através do qual criamos as condições para viver plenamente a humanidade, contribuindo para a humanização das pessoas, das culturas e dos povos. É algo mais que o reconhecimento da existência de muitas culturas, no presente e no passado (multiculturalidade). Surge da construção de pontes e da comunicação fluida entre elas. Processo complexo, não isento de conflitos, que não é apenas um 'encontro entre culturas' para criar um espaço, supra, meta ou transcultural. ¹⁰ É mais uma *troca recíproca entre culturas que pode levar à transformação e ao enriquecimento de todos os envolvidos* ¹¹, sem excluir ou substituir a inculturação, mas aprofundando-a, porque *ninguém pode oferecer aos outros o que não tem*.

Finalmente, a interculturalidade é um processo participativo e interativo com o contexto histórico, social, econômico e político no qual se desenvolve. Como tal, dinamiza o desenvolvimento das culturas, propiciando mudanças que lhes permitem crescer na compreensão da condição universal da humanidade.

Devo ressaltar que minhas reflexões não pretendem impor uma palavra ou conceito, mas antes dar a entender o que se diz quando se usa qualquer um dos conceitos analisados. Não é meu propósito propor-lhes que se excluam da linguagem os conceitos de globalização ou de mundialização, ou seus derivados, mas que possamos entender e buscar sempre a universalidade intercultural.

V. Desafios para a educação de hoje que olha para o futuro

Reconheço que o campo educativo da Companhia está procurando atualizar-se ¹². Tudo isso quer expressar-se no documento que o Secretariado de Educação e o ICAJE tem estado trabalhando para recolher os desafios e oportunidades que o contexto atual oferece ao nosso modelo educativo. Urge-nos incorporar neste

verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história (Gaudium et Spes, n. 1).

⁹ As características do fenômeno ao qual nos referimos com a palavra *interculturalidade* e a relativa novidade da reflexão sobre ele, aconselham evitar a formulação de um conceito normativo que possa ocultar, mais que iluminar a sua realidade.

¹⁰ Cfr. STANISLAUS, L. – UEFFING, M. (eds.), *Interculturalidad*, Estella (España), Ed. Verbo Divino, 2017, p. 586.

¹¹ Ibid. p. 23.

¹² Assim atestam as declarações finais do Colóquio de Boston e as reflexões do SIPEI, em Manresa.

processo a visão da missão como foi formulada pela 36ª Congregação Geral, centrada em trabalhar juntos, em colaboração no serviço da reconciliação e da justiça, que só serão possíveis num mundo concebido interculturalmente, como acabamos de indicar. Estou convencido de que a educação da Companhia, e em particular os nossos colégios, podem renovar-se profundamente nesta direção.

A renovação é uma tarefa permanente no trabalho educativo. Temos que dar um passo à frente do que hoje sabemos e imaginamos. Nossos modelos educacionais devem preparar os jovens para o futuro. Não podemos permanecer em modelos educativos nos quais os adultos nos sentimos confortáveis. Por isso, é preciso dar um passo à frente. Temos que estar alertas contra o perigo da inércia institucional que impede o discernimento e a necessária renovação.

No contexto de uma dinâmica mundial como a que acabamos de descrever, temos que nos perguntar como podemos servir mais e melhor a missão a partir dos nossos colégios. Como um colégio pode educar para a reconciliação? Como podemos ir às fronteiras ou periferias às quais o Papa Francisco nos convidou, em sua alocução à 36ª Congregação Geral, para gerar processos de transformação?¹³ Quais são as fronteiras nas quais nossos colégios devem estar e quais são os processos educacionais que devem ser criados?

Respondamos com imaginação e criatividade, sem perder de vista o fato de que o propósito de nossa educação é a formação da pessoa para que dê sentido à sua vida e com ela contribua para o bem comum, em seu contexto, de sua sociedade e do planeta. Corresponde-nos criar modelos¹⁴. Não tenhamos medo disso. Ao fazê-lo, também prestamos um serviço à Igreja, que pediu à educação católica para renovar a sua paixão por esse serviço ao mundo¹⁵. Perguntemo-nos, como fez o Papa Francisco à Companhia ao celebrar a canonização do Beato Pedro Fabro: *Temos grandes visões e desejos? Estamos nos arriscando? Estamos voando alto? O zelo do Senhor nos devora (Salmo 69, 10)? Ou somos medíocres e nos contentamos em repetir programas apostólicos que não atingem as pessoas e as suas necessidades?*¹⁶

Lembremo-nos de que os primeiros jesuítas investiram tempo e recursos para criar um modelo educativo que, embora fosse eclético em seus componentes, unificava-se sob a visão inaciana do mundo. Todos conhecemos as grandes contribuições desse modelo que a Companhia denominou *Ratio Studiorum*. Somos chamados a ter igual criatividade para responder aos desafios do futuro sempre incerto, a partir do nosso contexto atual.

Embora os colégios de educação presencial, que alguns chamam de tradicionais, continuem importantes, devemos ter a liberdade e a criatividade para explorar outros modelos, mesmo que sejam híbridos, como o 'flip-flop', ou colégios 'on-line', inclusive modelos pedagógicos e educacionais de fronteira que encarnem o *magis* hoje. Felizmente, neste desafio, contamos com o enorme potencial criativo de nossos companheiros e companheiras no apostolado

¹³ Discurso do Santo Padre Francisco aos membros da 36ª Congregação Geral da Companhia de Jesus, 24 de outubro de 2016.

¹⁴ Nicolás, S.I., Adolfo., *Profundidad, Universalidad y Ministerio Intelectual. Retos para la Educación Superior Jesuita Hoy*. Cidade do México, 23 de abril de 2010.

¹⁵ Congresso de Educação Católica, Roma, 2015.

¹⁶ Papa Francisco, Homilia, Igreja do Gesù, Roma, 3 de janeiro 2014.

educativo com os quais colaboramos para pensar, criar e experimentar novas possibilidades.

Nesta linha, quero mencionar alguns desafios concretos que gostaria que enfrentássemos como educadores e como instituições educativas da Companhia de Jesus.

Primeiro, urge que nossas instituições sejam espaços de pesquisa pedagógica e verdadeiros laboratórios de inovação didática, dos quais surjam novos métodos ou modelos formativos. Isto implicará que exploremos o que os outros fazem e o que podemos aprender deles, como também o que a ciência da pedagogia apresenta para um mundo cada vez mais tecnológico caracterizado pela cultura digital na qual nossos alunos nasceram e cresceram. É necessário que nossas instituições estejam conscientes da mudança antropológica e cultural que estamos presenciando e saibam educar e formar de um modo novo para um futuro diferente.

Segundo, sem excluir nenhuma classe social da nossa oferta educativa, devemos continuar avançando numa educação para a justiça, que tenha muito presentes três aspectos: primeiro, a importância de se aproximar dos mais pobres e marginalizados; segundo, a formação de uma consciência crítica e inteligente diante de processos sociais injustos, sem participação, centrados no consumo, na acumulação do dinheiro e na exploração do meio ambiente; e terceiro, uma atitude construtiva e dialogal que permita encontrar soluções. Isto deve ser refletido em nossas políticas de admissão, em nossos programas de formação, na visão da ciência que transmitimos e nos convênios com outros colégios e instituições sociais.

Terceiro, o respeito e o cuidado com a nossa 'casa comum' exige que nossas instituições ofereçam aos nossos alunos uma formação proporcional à dimensão ecológica da reconciliação. Todos os seres humanos são corresponsáveis por nosso planeta, pela sua viabilidade futura, além de nossos interesses nacionais, locais ou geracionais. É urgente unir os esforços de muitos para criar uma sociedade e uma economia sustentável no tempo, para que os seres humanos e o meio ambiente sejam protegidos. Nossas instituições deveriam refletir em si mesmas essa atitude em suas práticas e na sua estrutura física.

Quarto, o desenvolvimento de uma cultura de proteção dos menores de idade e das pessoas vulneráveis. A Companhia, assim como a Igreja e a sociedade, participa dos esforços coletivos para tomar consciência e adotar as medidas necessárias para que as crianças e os jovens que as famílias confiam à nossa formação gozem da proteção necessária. Deve ficar claro que nossas instituições, buscando a proteção de menores e pessoas vulneráveis, previnem e atuam de forma imediata, efetiva e transparente. Este é um compromisso indispensável da Companhia e, certamente, vital para a credibilidade de nossos colégios.

Quinto, a oferta de uma formação religiosa que abra à dimensão transcendental da vida, capaz de transformar a vida pessoal e social. O Papa Francisco apontou para os participantes 36ª Congregação Geral que a *fé autêntica sempre traz consigo um profundo desejo de mudar o mundo*. Nosso desafio é saber como comunicar a espiritualidade inaciana para que as novas gerações desejem *em tudo amar e servir* e queiram buscar a maior glória de Deus, além da sua pertença à Igreja. O desafio é como transmitir o que o P. Nicolás chamou de 'vírus jesuítico' e o Papa Francisco definiu para nossos antigos alunos como o vírus próprio da Companhia. Ou seja, a 'marca' que se espera daqueles que passaram

por nossas instituições educativas: que vivam em tensão entre o céu e a terra; isto é, a tensão entre *a fé que professam ... com o que está acontecendo no mundo de hoje*. Tensão que segundo o Papa *leva você a agir, leva você a mudar, leva você a fazer, leva você a imitar Deus, redentor, santificador; Isso faz você ser humano* ¹⁷.

Sexto, embora o conceito 'cidadania global' esteja em processo de construção, a nossa educação deve ser aí um ator criativo. Nossa presença em tantos lugares e culturas do mundo nos permite criar e apresentar propostas de formação para uma visão intercultural do mundo, na qual todos os seres humanos são possuidores de uma 'cidadania global', na qual se entrelaçam direitos e deveres, além de nossa própria cultura, dos nacionalismos e dos fanatismos políticos ou religiosos, que impedem o reconhecimento de nossa fraternidade radical.

Como os nossos colégios podem acolher e oferecer uma formação para a cidadania global, que respeitando as particularidades locais das culturas, manifeste o nosso potencial e compromisso universal? Deveríamos ser capazes de criar programas educativos que nos ajudem a pensar e atuar, local e globalmente, sem dicotomias entre as duas dimensões, que caminhem na linha da interculturalidade, assumindo como um dado enriquecedor a diversidade cultural, social e religiosa do nosso mundo ¹⁸, sem perder nossa identidade cristã e inaciana.

VI. Colaboração e trabalho em rede, vias para assumir desafios universais

Os desafios mencionados podem levar à vertigem ou mesmo ao medo. Alguns deles são imensos, e também percebemos nossos recursos e capacidades tão limitados e escassos. Conscientes disso, as Congregações Gerais 35^a ¹⁹ e sobretudo a 36^a ²⁰, pediram maior discernimento e maior articulação de forças através da colaboração e do trabalho em rede, tirando um maior proveito de nossa condição de corpo apostólico internacional.

Sobre o discernimento já tenho me expressado em outros lugares. Apenas quero salientar que nossas instituições educativas, pelo fato de possuir uma identidade jesuíta ou inaciana, também têm o desafio de assumi-lo como forma de proceder para tomar decisões. Quero deter-me agora um pouco mais na *colaboração e no trabalho em rede*.

A colaboração com os outros é o único caminho, na verdade profundamente evangélico, com o qual a Companhia de Jesus pode realizar a sua missão hoje ²¹.

¹⁷ Papa Francisco, *A quienes han sido alumnos de la Compañía de Jesús*, em <http://es.radiovaticana.va/news/2015/11/11/%C2%AB%C2%BFtodav%C3%ADa%20tien%20en%20el%20virus%20jesu%C3%ADtico%C2%BB,%20el%20papa/1186082>

¹⁸ *Para responder a este mundo, que vai se tornando pequeno rapidamente, temos colocado os olhos em educar para uma cidadania responsável na cidade do mundo* Kolvenbach, P., Georgetown University, 7 de junho de 1989.

¹⁹ Cf. 35^a Congregação Geral, d. 3,43.

²⁰ *O discernimento, a colaboração e o trabalho em rede oferecem três importantes perspectivas para o nosso atual modo de proceder. Dado que a Companhia de Jesus é um 'corpo internacional e multicultural' num complexo 'mundo fragmentado e dividido', a atenção a estas perspectivas ajuda a agilizar o governo, e fazê-lo mais flexível e apostolicamente eficaz* (36^a Congregação Geral, d. 2,3).

²¹ Cf. 36^a Congregação Geral, d. 1,35-38.

A magnitude e a interconexão entre os problemas que afetam a humanidade hoje são tais que somente, na medida em que a Igreja e a Companhia sejam capazes de trabalhar com outros, podemos contribuir efetivamente para a sua solução. A partir de uma atitude de colaboração, encontramos no caminho pessoas e organizações dedicadas ao serviço dos outros, buscando a reconciliação da humanidade e a defesa da criação. Com alguns compartilharemos a fé cristã, com outros a fé em Deus, e em outros descobriremos que são homens e mulheres de boa vontade.

A colaboração entre jesuítas e leigos é uma prazerosa realidade em nossas instituições. Avançou-se muito neste caminho. É necessário, no entanto, continuar caminhando e nisto se requer toda a nossa criatividade. O caminho percorrido nos mostra conquistas e revela fraquezas que podem ser corrigidas. Como podemos formar verdadeiras equipes com sentido apostólico que desenvolvam todo o seu potencial? De que maneira podemos vincular nossos antigos alunos para que se vejam como companheiros na missão, além da nostalgia pela instituição da sua juventude?

A colaboração induz espontaneamente à cooperação através de redes e estas são uma forma criativa de organização do trabalho apostólico ²². O trabalho em rede possibilita a colaboração entre as obras apostólicas da Companhia e as instituições dos outros, abrindo inéditos horizontes de serviço que ultrapassam aqueles que são tradicionais em uma região ou em uma província, e mobilizando maiores recursos e possibilidades a favor da missão.

O trabalho em rede requer suscitar e consolidar a cultura da generosidade como base daquela abertura que permite compartilhar uma visão, cooperar com os outros e a aceitação de uma liderança efetiva que guarda o equilíbrio entre iniciativa local com autoridade global ²³.

Os colégios assumiram, com diferentes níveis de desenvolvimento e êxito, este convite para formar redes a nível provincial, regional e global. Algumas redes provinciais e regionais ajudaram enormemente o processo de renovação. Hoje, seria impossível avançar sem elas. Embora algumas províncias e regiões tenham tido dificuldades, o trabalho em rede faz parte hoje do nosso modo de proceder, como apontou a 36ª Congregação Geral, e isto exige que nossos colégios se articulem em redes locais e regionais, além de se abrirem sem reservas à rede global que nos urge consolidar. Não deveríamos ter medo de compartilhar programas, experiências, materiais e até recursos para consolidar a rede internacional.

Somente se pensarmos e atuarmos de modo conjunto e coordenado, acolhendo e integrando a riqueza de nossas diversidades locais, poderemos, graças à rede, enfrentar desafios globais que afetam nossas condições locais. Contamos com mais de 2.000 colégios e uma apreciada presença educativa em mais de 60 países. Temos enormes possibilidades para estimular a esperança em nosso mundo, contribuindo para a formação de homens e mulheres justos, verdadeiros cidadãos do mundo, capazes de gerar diálogo e reconciliação entre os povos e destes com criação.

²² Cf. 36ª Congregação Geral, d. 1,35.

²³ Cf. 36ª Congregação Geral, d. 2,8

Nestes dias, no Congresso, vocês experimentaram a diversidade, a riqueza e as incontáveis potencialidades que surgem do nosso trabalho em comum. A Companhia espera, realmente, o compromisso de todos, e especialmente dos Delegados de Educação em cada Província, como das redes regionais, para avançar na construção e consolidação de uma rede global de colégios com uma agenda comum ao serviço da reconciliação e da justiça, que o Senhor construiu, para alcançar a paz. Isto implica que todas as redes incluam em seus planos estratégicos e estruturas a perspectiva da rede internacional e que todos se sintam corresponsáveis por ela. Trabalhar através da rede local e regional exigirá trabalhar também na rede global e por ela.

Vocês, como Delegados de Educação nas suas Províncias, são corresponsáveis pelo bom funcionamento das redes, em todos os seus níveis. Duas iniciativas concretas, das muitas que poderiam ser exploradas em comum, são a sua contribuição para o desenvolvimento da plataforma global *Educate Magis* e o trabalho pela consolidação de uma *cidadania global* que cuide do planeta e viva a solidariedade. Estas propostas podem dar pleno significado ao lema deste congresso *Unidos em rede global: um fogo que acende outros fogos*.

Devo ressaltar, no entanto, que o trabalho em rede ao qual estamos chamados não é apenas aquele que se faz com outros colégios. É necessário tomar consciência que os colégios são plataformas apostólicas em diálogo e colaboração com as outras instituições apostólicas da Companhia: as universidades, as obras sociais, os centros de espiritualidade, as paróquias e outras presenças apostólicas. Assim, todos cresceremos e poderemos prestar um maior e melhor serviço apostólico.

Concluo dizendo que a 36ª Congregação Geral também nos pediu *planejamento apostólico* para responder efetivamente aos desafios que enfrentamos. Não é outra coisa que o instrumento que permite a uma instituição implementar, de forma ordenada, as decisões tomadas através do discernimento. O planejamento nos oferece uma organização estratégica do tempo, das ações e das responsabilidades para a implementação de decisões. Ele supõe que se trabalha como um único corpo, com um único propósito, formando uma equipe em que há diversidade de tarefas e funções.

No nosso caso, o mero planejamento numa instituição educativa não basta. Para que seja apostólico, ele deve tornar presente a Boa Nova em cada instituição, em cada ser humano que o torna possível e recebe o seu serviço. O planejamento deve ser "apostólico" também porque está animado pelo *magis* inaciano, evitando fazer as coisas de forma medíocre, e procurando o melhor e o maior serviço. Não permitamos que desapareça a tensão entre discernimento espiritual, através do exame, e planejamento apostólico, caso contrário este se tornará uma ferramenta administrativa, um fim em si mesmo, que oculta o sentido e o significado do que somos chamados a fazer.

Conclusão: rede global e intercultural com a missão da reconciliação

Concluo lembrando o que Pedro Ribadeneira escreveu em nome de Santo Inácio em 1556, em uma carta ao rei Filipe II de Espanha. Lá apontou que *todo o bem da cristandade e do mundo inteiro depende da boa educação da juventude*²⁴. Eu acredito que essas palavras continuam sendo válidas para a Companhia de Jesus e para a Igreja.

²⁴ Monumenta Pedagogica 1, p. 475 (original em espanhol).

Não é em vão que o Papa Francisco convocou um sínodo sobre *Juventude e discernimento vocacional*, com a esperança de contribuir para a construção de uma Igreja rejuvenescida, capaz de dar esperança aos jovens. Este sínodo é uma boa oportunidade para nos sentirmos parte da Igreja, para ouvir nossos alunos, para nos aproximarmos do seu mundo, para acolher seus sonhos e suas preocupações, para aprender deles, assim como uma oportunidade para indicar-lhes que fazem parte da Igreja e que ela precisa deles.

Nossos colégios são uma magnífica plataforma para ouvir, servir e contribuir para que as crianças e os jovens de hoje possam sonhar com um mundo novo, mais reconciliado, justo, e em harmonia com a criação, do qual eles mesmos serão os construtores.

Renovando a nossa confiança em Deus, queremos caminhar juntos como rede global com uma missão universal. Os desafios são muitos, mas as possibilidades apostólicas podem ser maiores. É preciso detectá-las. Deus continua trabalhando para criar e salvar. *A missio Dei* segue adiante. Esta fé nos anima a assumir o caminho da audácia apostólica que é capaz de realizar o impossível.

Obrigado!

Arturo Sosa, S.J